



Empresas & Negócios do AGRO

agronegocio@netjen.com.br

São Paulo, quarta-feira, 10 de dezembro de 2025

Foto: Paulo Lanzetta

A nova cultivar de batata desenvolvida pela Embrapa reúne atributos essenciais para a cadeia produtiva e a indústria de processamento, como alta produtividade, resistência a doenças e boa aptidão para fritura. Resultado de mais de uma década de pesquisas do Programa de Melhoramento Genético de Batata, a BRS F21 recebeu o apelido de ‘Braschips’ pelo seu elevado rendimento industrial e qualidade superior dos chips produzidos.

“Essa cultivar tem aptidão para o processamento industrial porque apresenta dois fatores que, quando associados, indicam ótima qualidade para fritura. Primeiro, a alta quantidade de matéria seca, que significa tubérculos com menos água em sua composição, que vão render chips mais sequinhos e crocantes. E, depois, o baixo teor de açúcares garante que a batata não vai caramelizar e que o produto ficará com a cor mais clara e uniforme, conforme a preferência dos consumidores”, explica o pesquisador Giovani Olegário, da Embrapa Hortaliças (DF).

Ele também destaca a textura firme, o sabor característico, a polpa amarela-clara e o formato ovalado dos tubérculos como pontos favoráveis para obter uma ótima qualidade para fritura (Embrapa).

PRODUÇÃO VEGETAL



LANÇADA CULTIVAR DE BATATA PARA A INDÚSTRIA DE CHIPS E PALHA

Valorização da arroba impulsiona investimentos em recuperação de pastagens

A pecuária de corte brasileira vive, em 2025, um dos momentos mais favoráveis dos últimos anos, com demanda doméstica aquecida e exportações recordes. Segundo dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços, compilados pela Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes (Abiec), somente no mês de outubro os embarques de carne bovina do Brasil totalizaram 357 mil toneladas, o maior volume mensal desde o início da série histórica. No acumulado de janeiro a outubro, foram 2,79 milhões de toneladas e US\$ 14,31 bilhões em valor.

Com a valorização da arroba, acima dos R\$ 300 nas principais praças de negociação do país, o produtor tem a oportunidade de ampliar seus investimentos estruturais, sendo as pastagens um dos alvos centrais desses aportes. “Com margens mais confortáveis, cresce o interesse por recuperar ou renovar áreas degradadas, estruturar o sistema produtivo e adotar tecnologias sustentáveis e de maior retorno. Para os pecuaristas, o cenário representa oportunidade para acelerar planos de investimento”, diz Thiago Feitosa, engenheiro agrônomo da Sementes Oeste Paulista (SOESP).

Segundo o especialista, essa valorização da arroba melhora os coeficientes de retorno e reduz o risco, fatores que motivam a recuperação de pastagens, a reforma de áreas degradadas e a adoção de sistemas mais intensificados.

Como a saúde das aves garante a qualidade do frango e do peru

Divulgação: Zoetis



Com a chegada das festas de fim de ano, o consumo de aves ganha destaque nas mesas brasileiras. Frango e peru se tornam protagonistas da ceia, impulsionados pela busca por praticidade, sabor e opções que agradam toda a família. Mais do que tradição, a preferência por proteínas brancas acompanha um movimento crescente por alimentos acessíveis, versáteis e alinhados ao estilo de vida do consumidor atual.

Quando o frango e o peru chegam à mesa das famílias no final do ano, o que poucos imaginam é a complexa rede de ciência, dedicação e prevenção que torna possível esse momento. Por trás de cada prato, há um forte trabalho de médicos-veterinários, produtores e farmacêuticos de saúde animal, como a Zoetis, líder mundial no segmento – que atua para garantir a sanidade das aves e a segurança dos alimentos que chegam às famílias brasileiras.

Esse cuidado começa muito antes das aves chegarem aos supermercados e consequentemente nas celebrações. Nas granjas, a preparação inicia ainda antes do nascimento dos pintinhos, com rígidos protocolos de biossegurança, ambiente controlado e o uso de vacinas essenciais para prevenir doenças e promover o bem-estar animal. Cada etapa é

monitorada para garantir que o lote se desenvolva de forma saudável, contribuindo diretamente para a qualidade final da carne.

“A qualidade que chega à mesa começa com a saúde das aves nas granjas. Cada vacina e cada protocolo tem um propósito: proteger o lote e, com isso, garantir a segurança na alimentação de milhares de pessoas”, explica Gleidson Salles, Gerente de Produto de Aves da Zoetis Brasil.

O processo de imunização ocorre ainda no incubatório, com vacinas aplicadas in ovo, tecnologia desenvolvida para proteger o embrião dentro do ovo antes mesmo de nascer. A técnica é utilizada atualmente em mais de 90% dos incubatórios comerciais nos Brasil, Europa e Ásia, imunizando cerca de 30 bilhões de frangos por ano ao redor do mundo.

Para ampliar essa proteção, outras vacinas garantem uma proteção de longa duração contra enfermidades respiratórias e virais, fortalecendo o sistema imunológico dos animais e reduzindo a necessidade de antibióticos. Essa combinação de ciência e manejo preventivo reflete o compromisso da Zoetis com a biossegurança e sanidade animal.

Eficiência no cultivo de cebola

O cultivo de cebolas no Brasil vem ganhando novas perspectivas à medida que produtores ampliam áreas, modernizam técnicas e respondem a um mercado cada vez mais atento à qualidade. A comercialização segue impulsionada pela demanda por bulbos com melhor apresentação, boa uniformidade e coloração atrativa — características que influenciam diretamente no valor final do produto.

É nesse cenário que a Chelsea F1, da TSV Sementes, se destaca como uma opção adaptada às regiões Sudeste e Centro-Oeste do país. Indicada especialmente para São Paulo, Minas Gerais e Goiás, a variedade apresenta ciclo precoce e pode ser semeada em períodos de dias curtos, entre março e maio — janela que favorece o pleno desempenho do material. Segundo o especialista em Bulbos e Raízes, Samuel Sant’Anna, a escolha do período correto é decisiva para o resultado da lavoura.

A Chelsea chama a atenção pelo formato arredondado, pela coloração consistente de casca e pelo alto rendimento produtivo, com predominância de bulbos classificados como caixa 3 — padrão mais valorizado comercialmente. De acordo com Sant’Anna, esse tipo entrega vantagem competitiva ao agricultor: “É o padrão mais procurado e confere retorno ao produtor, que trabalha com um produto diferenciado e alinhado às exigências atuais” (www.tsvsementes.com.br).

Destaque I

Divulgação (TKMS)



Reconhecida com a certificação Selo Social de Itajaí pelo terceiro ano consecutivo

A TKMS Estaleiro Brasil Sul conquistou, pelo terceiro ano consecutivo, o Selo Social de Itajaí, certificação que destaca empresas comprometidas com o desenvolvimento socioeconômico, ambiental e humano. Nesta edição de 2025, que recebeu 720 projetos inscritos e selecionou 470 para concorrer ao reconhecimento oficial, a companhia obteve sete iniciativas aprovadas, totalizando dez selos - todos alinhados aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Organização das Nações Unidas (ONU). Os projetos do estaleiro contemplam energia limpa, gestão florestal, compliance, educação ambiental, comunicação social, gerenciamento de resíduos, qualidade de vida e empregabilidade feminina. Cada uma dessas ações reafirma o compromisso da empresa com práticas sustentáveis, inclusão, ética e impacto positivo para seus colaboradores e a comunidade (www.tkmsgroup.com).

Destaque II

Divulgação



Congresso Brasileiro de Direito do Agronegócio

Os novos instrumentos de crédito e de seguro rural, capazes de mitigar perdas e proteger produtores em cenários de instabilidade econômica ou climática; a regulamentação e execução da reforma tributária; a governança rural e a insolvência da produção são alguns dos temas da sexta edição do Congresso Brasileiro de Direito do Agronegócio, uma realização do Instituto Brasileiro de Direito do Agronegócio – IBDA. O evento acontecerá no dia 30 de março de 2026 no Hotel Renaissance, em São Paulo, reunindo especialistas, autoridades públicas e representantes da iniciativa privada para debater os principais desafios que impactam o futuro do agro brasileiro. O evento será realizado das 9h às 18h no Hotel Renaissance São Paulo, na Alameda Santos, 2233 – Jardim Paulista, São Paulo. Mais informações sobre inscrições e detalhes da programação podem ser obtidas no site oficial do evento: <https://congressodireitoagro.com.br/>

Myriota lança HyperPulse™

A Myriota anuncia a disponibilidade geral da HyperPulse, uma plataforma de conectividade global e altamente escalável que simplifica para parceiros da indústria a criação, implantação e expansão de soluções IoT em qualquer lugar do planeta. A rede estará disponível a partir de 15 de dezembro no Brasil, Estados Unidos, México, Austrália e Arábia Saudita. Disponível desde o início do ano para early adopters, a solução já atende clientes de diversos segmentos, com ampla aplicação em monitoramento ambiental, monitoramento de óleo e gás, rastreamento de ativos e rastreamento de animais. A HyperPulse é projetada e operada pela Myriota, combinando a arquitetura 5G NTN da empresa com capacidade em banda L alugada da Viasat. A camada exclusiva de otimização da rede permite ajustar dinamicamente o desempenho da conectividade, como latência e volume de dados, em resposta à demanda do cliente ou a condições ambientais. O resultado é uma plataforma global e escalável que torna simples para parceiros de indústria criar, implantar e expandir soluções IoT em qualquer lugar.

Mercado floricultor deve encerrar 2025 com crescimento entre 6 e 8%

O setor de floricultura no Brasil segue em trajetória de expansão e deve manter o ritmo de crescimento nos próximos anos. Segundo Renato Opitz, diretor do Ibraflor – Instituto Brasileiro de Floricultura, 2025 deve registrar um crescimento entre 6% e 8% em relação a 2024. Já para 2026, a estimativa é de uma elevação adicional de 6%, demonstrando a consolidação do mercado e a ampliação contínua da demanda por flores e plantas ornamentais no país.

Exportações firmes garantem fôlego ao mercado de boi

As exportações firmes de carne bovina seguem sendo o principal pilar de sustentação do mercado em um período de maior oferta de animais terminados, segundo o Agro Mensal do Itáu BBA. O IBGE apontou que os abates cresceram 7% no terceiro trimestre, com destaque para setembro, que registrou alta de 13% na comparação anual. Dados preliminares do Serviço de Inspeção Federal (SIF) sugerem que outubro manteve ritmo intenso, com avanço próximo de 15% frente ao mesmo mês do ano anterior.

Vinícola Góes se destaca na 1ª Seleção de Vinhos de BRS Lorena com três medalhas



Fábio Góes, enólogo do Grupo Góes

A força e o potencial da uva BRS Lorena ganharam destaque nacional durante a 1ª Seleção de Vinhos de BRS Lorena, que reuniu 79 amostras de 51 vinícolas de seis estados brasileiros. A Vinícola Góes foi uma das protagonistas da estreia do concurso, conquistando três medalhas, duas de Ouro e uma de Grande Ouro.

OPINIÃO

Nova lei dos seguros e o fim das "pegadinhas" contratuais no campo

Leandro Amaral (*)

Você contrata o seguro, paga o prêmio em dia, cuida da lavoura como sempre fez.

Às vezes vem a seca, o granizo ou a praga que ninguém esperava. Você aciona a seguradora e começa o calvário: semanas de espera, pedidos de documentos que nunca acabam, e no final uma negativa baseada em cláusula que você nem sabia que existia.

Essa história é comum demais no campo, mas as regras do jogo começam a mudar neste Dezembro.

A Lei 15.040 de 2024 criou um novo marco legal para os contratos de seguro privado no Brasil, incluindo o seguro rural. Ela foi sancionada em dezembro de 2024 e começa a valer a partir de 11 de dezembro de 2025. Não resolve tudo, mas melhora o equilíbrio entre produtor e seguradora.

Um ponto decisivo é o alcance dessa nova lei. Em linhas gerais, ela se aplica apenas aos contratos de seguro firmados depois do início da sua vigência. Em outras palavras, quem contratar ou renovar o seguro rural após essa data, dentro das condições que caracterizam um novo contrato, ficará sujeito às novas regras. As apólices antigas continuam, em regra, no regime anterior.

A lei não mexe no zoneamento agrícola, na política de subvenção ao prêmio do seguro rural, nem nas regras técnicas definidas pela Susep e pelo Ministério da Agricultura para cada cultura. Essas regras continuam valendo. O que muda é a forma como o contrato de seguro é formado, interpretado, executado e encerrado. O foco é reequilibrar a relação entre segurador e seguradora, reforçando boa-fé, transparência e prazos claros.

A seguir, destaco os pontos que mais impactam o produtor rural.

1. Cláusula confusa não vale mais

A lei exige que as exclusões de cobertura sejam descritas de forma clara e inequívoca. Acabou o tempo de negativa baseada em frase genérica perdida no meio do contrato.

Se a cláusula não deixa claro o que está excluído, ela não pode ser usada contra você.

Isso não significa que você deve relaxar. Pelo contrário. Leia a apólice antes de assinar. Pergunte o que cada exclusão significa na prática. Uma apólice mal escolhida ainda pode destruir sua safra financeiramente, mesmo com a nova lei.

2. A seguradora não pode cancelar o contrato no meio da safra

Antes, algumas seguradoras cancelavam contratos de forma unilateral, sem aviso prévio, deixando o produtor descoberto no pior momento possível.

Em termos práticos, a seguradora não pode simplesmente cancelar o seguro no meio da safra por ato de vontade isolada. Situações como inadimplência, fraude ou outras hipóteses legais continuam podendo levar à suspensão ou resolução, mas com procedimento, prazos e notificações claras.

Isso reduz o risco do produtor descobrir, no meio de uma estiagem ou após uma geada, que a apólice foi cancelada sem comunicação adequada.

Essa proteção é especialmente importante no seguro agrícola, onde o timing é tudo. Perder a cobertura entre o plantio e a colheita pode significar a diferença entre prejuízo administrável e quebra total.

3. A seguradora tem prazo para responder sua proposta

Você envia a proposta de seguro e fica esperando. A janela de plantio passa, o risco aumenta, e a seguradora não diz nem que sim, e nem que não.

A nova lei resolve isso. A seguradora tem 25 dias para analisar sua proposta e responder. Se não responder, considera-se aceita. E se recusar, precisa justificar os motivos de forma clara.

Isso muda a dinâmica. Você sabe exatamente quando terá resposta. Se vier negativa, pode corrigir o problema ou buscar outra seguradora ainda dentro da janela.

4. Prazos claros para análise do sinistro

Depois que você avisar o sinistro e entregar os documentos exigidos, a seguradora tem prazo para dizer se vai pagar ou não. Se ficar em silêncio, perde o direito de negar a cobertura.

O prazo padrão é de 30 dias, mas nos contratos de seguro agrícola, que envolvem maior complexidade técnica, o prazo pode chegar a 120 dias.

A seguradora pode pedir documentos complementares e suspender o prazo

até duas vezes, mas precisa justificar o pedido. Não pode inventar exigência só para ganhar tempo.

Reconhecida a cobertura, a seguradora tem mais 30 dias para pagar. Se atrasar, paga multa de 2%, correção monetária e juros. A conta do atraso agora pesa no bolso de quem enrola.

5. Mudança no risco precisa ser comunicada

A lei reforça que você deve avisar a seguradora sobre qualquer evento que agrave significativamente o risco. Mudou a variedade? Plantou fora da janela? Alterou o manejo? Detectou praga? Comunique.

A seguradora tem 20 dias para reagir: pode cobrar a diferença de prêmio ou, se o novo risco não for tecnicamente segurável, resolver o contrato com 30 dias de antecedência.

Mas aqui vem a proteção: mesmo que você não avise, a seguradora só pode negar a indenização se provar que existe relação direta entre o agravamento e o sinistro. Não basta alegar. Tem que demonstrar.

Minha recomendação: registre tudo. Fotos, relatórios agrônômicos, laudos técnicos. Quando o sinistro acontece, memória vira papel. E papel vira prova.

6. Se a seguradora transferir o contrato, ela continua responsável

Imagine que sua seguradora vende a carteira para outra empresa. Essa nova empresa quebra. Quem paga?

Pela nova lei, a seguradora original responde solidariamente se a transferência não tiver sido feita corretamente ou se a nova empresa se tornar insolvente dentro do período de vigência do seguro ou em até 24 meses após a cessão.

Para o produtor rural, isso significa uma rede de proteção adicional. Se o seguro rural foi transferido de uma seguradora para outra e esta quebra pouco tempo depois, a seguradora original não desaparece da cena. Ela continua solidária, dentro desses limites temporais, perante o segurado.

7. O prazo para ir à Justiça ficou mais claro

Se a seguradora negar a cobertura, você tem um ano para questionar judicialmente, contando a partir da data em que recebeu a recusa formal e motivada. Beneficiários e terceiros prejudicados têm três anos a partir do fato gerador.

Um detalhe importante: se você pedir reconsideração da negativa, o prazo fica suspenso até a seguradora responder. Mas isso só vale uma vez.

O erro mais comum que vejo é o produtor guardar a negativa na gaveta esperando que o problema se resolva sozinho. Não espere. Procure orientação jurídica imediatamente. Prazo perdido é direito perdido.

8. O que a lei não resolve

A Lei 15.040 melhora o ambiente contratual, mas não substitui o zoneamento agrícola, as regras de subvenção, os critérios técnicos por cultura, nem as normas específicas da SUSEP.

Você ainda precisa analisar a apólice com cuidado, verificar o enquadramento técnico, respeitar a janela de plantio e cumprir as exigências do programa de seguro rural.

No campo, cada detalhe faz diferença. No seguro, ainda mais.

9. O que fazer agora?

- Mesmo antes da lei entrar em vigor, você pode se preparar:
- Revise suas apólices atuais com olhar crítico;
 - Identifique exclusões que podem gerar conflito;
 - Documente todo o processo produtivo com fotos e laudos;
 - Comunique alterações relevantes à seguradora por escrito;
 - Avise o sinistro imediatamente quando acontecer;
 - Guarde todos os protocolos e comunicações;
 - Não confie apenas na palavra do corretor;
 - Busque orientação especializada ao primeiro sinal de problema.

O seguro rural é mais do que um documento. É a proteção do seu patrimônio, do seu fluxo de caixa e da continuidade da sua operação. A nova lei traz avanços reais, mas não elimina a necessidade de estratégia e acompanhamento.

Em um cenário de riscos crescentes, informação e planejamento continuam sendo as melhores defesas de quem vive do campo.

(*) Advogado especialista em direito aplicado ao agronegócio.

Tecnologia e dados impulsionam a reação do setor de trigo

Especialistas destacam agricultura de precisão, inteligência analítica e automação como as apostas para ganhar vantagem competitiva e fortalecer o mercado nacional em 2026

Dados e tecnologias de precisão ajudam a enfrentar a volatilidade do mercado de trigo e fortalecer a competitividade nacional. A produção brasileira deve recuar para cerca de 7,5 milhões de toneladas em 2025, reflexo da redução de quase 20% na área plantada, enquanto o consumo interno permanece entre 12 e 13 milhões de toneladas, ampliando a dependência de importações que podem chegar a 7 milhões de toneladas, o maior volume desde 2013. Os dados são do Panorama da Cadeia Agroindustrial do Trigo no Brasil (2025).

Em meio a esse cenário, o setor busca competitividade com gestão mais eficiente, uso estratégico de tecnologia e compromisso com a sustentabilidade. Duas estratégias têm apoiado os produtores nesse desafio: a ciência de dados e os instrumentos analíticos de precisão.

“Essa volatilidade afeta toda a cadeia. Produtores enfrentam margens comprimidas, indústrias de moagem lidam com custos imprevisíveis e moinhos recorrem a contratos futuros para mitigar riscos. A dependência de importações expõe o Brasil às oscilações cambiais e às políticas comerciais de países vizinhos, como a Argentina, que reduziu temporariamente suas alíquotas de exportação para 9,5% em 2025, aumentando sua competitividade no mercado brasileiro”, afirma o economista Adenauer Rockenmeyer, Delegado do Corecon-SP.

Ele observa que a elevada demanda do mercado brasileiro por pães e produtos derivados de farinha impulsiona o setor a promover um reajuste produtivo, visando a redução de custos e o aumento da eficiência. O objetivo é atender a essa demanda persistente por produtos farináceos.

O avanço da tecnologia

Frente a esse cenário, o uso estratégico de dados, sensores inteligentes, instrumentação analítica e automação deixou de ser diferencial e passou a ser condição de sobrevivência industrial. A chamada agricultura e indústria de precisão permitem decisões baseadas em evidência e não em tentativa e erro, garantindo maior



domínio sobre variáveis críticas e reduzindo desperdícios.

Nesse movimento, soluções tecnológicas como Mixolab, SpectraStar XT-F, AgriCheck e Rheo F4, utilizadas no setor por empresas como a Pensalab, têm desempenhado papel central ao permitir análises rápidas e contínuas desde o grão até a massa final. Esses sistemas monitoram parâmetros como teor de água, estabilidade da massa, propriedades reológicas, composição química e atividade enzimática, assegurando consistência, previsão de comportamento e decisões produtivas mais assertivas.

Segundo o diretor da Pensalab, Rafael Soares, instrumentos avançados possibilitam o controle fino das etapas de moagem, formulação e panificação, reduzindo retrabalho, padronizando lotes, otimizando o uso de insumos e atendendo normas regulatórias com maior precisão. “Mais do que medir qualidade, essas tecnologias ajudam a antecipar desvios, permitindo ações preventivas e menor impacto operacional”, afirma.

De acordo com Soares, a adoção crescente de análises automáticas, monitoramento em tempo real e inteligência de dados sinaliza que o setor está caminhando para uma nova lógica produtiva, mais previsível, menos exposta a volatilidades externas e sustentada por evidências. “A indústria

Tecnologia inédita que vai revolucionar a pesquisa agrícola

A Vittia (B3: VITT3), referência nacional em biotecnologia agrícola, traz para o país uma tecnologia inédita: um sistema de fenotipagem de plantas totalmente automatizado. Instalado em seu Centro de Pesquisa & Desenvolvimento em São Joaquim da Barra (SP). O equipamento representa um salto exponencial na capacidade de pesquisa do Brasil, permitindo a criação de soluções biológicas e nutricionais de forma mais rápida, precisa e sustentável, bem como reforça o compromisso da Companhia com a ciência, a sustentabilidade e o produtor rural.

Com investimento de R\$ 1 milhão, a nova ferramenta é estratégica e posiciona a Vittia e o Brasil na vanguarda da ciência agrícola. Com alta precisão, o equipamento permite maior assertividade na seleção de microrganismos e na formulação de bioinsumos e soluções nutricionais. Com isto, a companhia acelera seu processo de inovação, reduz o tempo de desenvolvimento de novos produtos e amplia a capacidade de resposta às demandas do campo.

De acordo com a gerente de P&D da Vittia, Jéssica Brasau, a tecnologia,



pioneira no Brasil, combina a visão 3D e a avaliação simultânea de mais de 20 parâmetros morfológicos da planta, com processamento dos dados em tempo real.

“Na prática, impulsionamos a inovação em uma escala sem precedentes. Reduzimos

brasilera de trigo pode transformar um cenário de retração em um ciclo de reconstrução, baseado em controle, precisão e produtividade”, diz.

Financiamento

Para viabilizar a adoção de novas tecnologias baseadas em dados e inteligência artificial, Rockenmeyer observa que se torna essencial o aporte de capital para financiar essa transformação tecnológica e acelerar o processo de atendimento à demanda, restabelecendo preços e promovendo a modernização do setor.

“Além das fontes tradicionais de financiamento, o setor deve buscar oportunidades de captação de recursos de médio e longo prazo no mercado de capitais e em fundos de investimento. Essa prática representa uma tendência crescente no agronegócio. As oportunidades são claras, diante da forte demanda por produtos derivados de farinha”, ressalta.

A busca por outras fontes de financiamento, em um cenário de taxas de juros elevadas, torna-se ainda mais relevante para impulsionar a transformação tecnológica e o reajuste produtivo do setor. “Essa iniciativa é crucial para o desenvolvimento, a sustentabilidade ambiental e a adaptação do setor agropecuário aos desafios climáticos contemporâneos”, diz o delegado do Corecon-SP.

Tecnologia inédita que vai revolucionar a pesquisa agrícola

de forma significativa o índice de erros nos ensaios em comparação aos métodos tradicionais. Isso se traduz em muito mais precisão e agilidade para entregar ao agricultor exatamente o que ele precisa para produzir mais e melhor”, explica a pesquisadora.

Moagem acelerada reforça oferta de açúcar e etanol

O ritmo forte de moagem no Centro-Sul ao longo de outubro ampliou a produção de açúcar e reforçou o quadro de maior oferta global, segundo o Agro Mensal, relatório produzido pelo Itaú BBA. A combinação entre mix açucareiro elevado e recuperação do rendimento industrial manteve a produção aquecida nos últimos meses.

No mercado internacional, os preços do açúcar bruto operaram em patamar mais baixo, refletindo a recomposição dos estoques mundiais e o aumento da disponibilidade global. O cenário permanece sensível ao comportamento do petróleo e às condições climáticas em importantes países produtores, fatores que continuam sendo acompanhados de perto pelo setor.

No mercado doméstico, o etanol hidratado apresentou sinais de recuperação ao longo do mês, favorecido pela maior competitividade frente à gasolina e pela melhora gradual do consumo. A Consultoria Agro do Itaú BBA aponta que o equilíbrio entre oferta e demanda permanece construtivo no curto prazo, ainda que os preços sigam dependentes do ritmo de reposição nos postos.